

# RESSALVA

Atendendo solicitação do(a)  
autor(a), o texto completo desta tese  
será disponibilizado somente a partir  
de 04/08/2018.

RAFAEL DE OLIVEIRA RODRIGUES

**PEDAGOGIA, INSTRUÇÃO, DISCIPLINA, GOVERNO:** a Educação sob a luz da  
obra de Michel Foucault

ASSIS

2016

RAFAEL DE OLIVEIRA RODRIGUES

**PEDAGOGIA, INSTRUÇÃO, DISCIPLINA, GOVERNO:** a Educação sob a luz da obra de Michel Foucault

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista, para a obtenção do título de doutor em Psicologia (área de conhecimento: Psicologia e Sociedade).

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Elizabeth Maria Freire De Araújo Lima

ASSIS  
2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

R696p Rodrigues, Rafael de Oliveira  
Pedagogia, instrução, disciplina, governo: a educação sob a luz da obra de Michel Foucault / Rafael de Oliveira Rodrigues. - Assis, 2016.  
210 f.

Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista.  
Orientador: Dr<sup>a</sup> Elizabeth Maria Freire de Araújo Lima

1. Foucault, Michael, 1926-1984. 2. Ensino - Metodologia. 3. Educação - Estudo e ensino. 4. Disciplina escolar. 5. Psicologia educacional. I. Título.

CDD 370.15



ATESTADO DE APROVAÇÃO – DEFESA

ATESTAMOS que **RAFAEL DE OLIVEIRA RODRIGUES**, defendeu, no dia 04/08/2016, a tese intitulada “PEDAGOGIA, INSTRUÇÃO, DISCIPLINA, GOVERNO: a Educação sob a luz da obra de Michel Foucault e a reverberação da crítica em algumas práticas inovadoras”, junto ao Programa de Pós-graduação em Psicologia, tendo sido “APROVADO”.

Atestamos ainda que a obtenção do título dependerá de homologação pelo Órgão Colegiado competente.

Assis, 4 de agosto de 2016.

SUELI APARECIDA FRANCO  
Supervisora Técnica de Seção



## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao prof. Dr<sup>o</sup> José Sterza Justo e sua esposa Mariele Correa, que foi quem primeiro acreditou na potência deste trabalho: sem essa confiança, nada disso seria possível!

À Elizabeth Maria Freire De Araújo Lima (*Beth Lima*), orientadora, amiga, parceira e leitora atenta deste trabalho, que com muita coragem acolheu-me como orientando. Admiro sua confiança, tranquilidade e leveza com que conduz a vida (e carrega no coração aqueles que te fazem companhia). Somente após esse encontro é que a pesquisa e o pesquisador encontraram sua trilha. Muito obrigado!

Aos professores Dr<sup>o</sup> Hélio Rebello Cardoso Jr. e prof. Dr<sup>a</sup> Adriana Marcondes, pela presença na banca de qualificação e pelo carinho com que receberam esta pesquisa, além dos excelentes apontamentos que fizeram na ocasião!

Aos amigos, professores e conhecidos do México, em especial aos profs. Dr<sup>o</sup> Raúl Cabrera Amador e prof. Dr<sup>a</sup> Maria Inés Garcia Canal, pela acolhida na *Universidad Autonoma Metropolitana de Xochimilco* (UAM-X) durante minha estadia nesta instituição. Aos colegas de *clases* Abigail Tapia e seu esposo Arturo, e Moisés Hernández. Aos amigos de violão e feijoada mexicana: Juan José González Cabriales (e sua esposa Patricia Miranda). Ao Alvaro Vazquez Mantecon e seus filhos, Cecília e Antonio, pelas risadas e ajudas. À José Antônio, Patricia Priego carinhosamente chamada de *Paty*, Camila e Natália Priego por receberem, com abraços ternos (e tequilas) nossa família na Cidade do México. À todos os profissionais, pais e amigos da *Escuela Bartolomé Cossío*, que receberam muito carinhosamente meu enteado Igor Miraz dentre seus alunos. À Ana Carolina Patto Manfredini, brasileira de nascimento e mexicana de coração: obrigado pelas risadas e dicas no país do *mezcal*.

À ONG assisense *Circuito de Interação de Redes Sociais* (CIRCUS) em que trabalho e que, respeitosa e carinhosamente, compreendeu as ausências que esta tese me exigiu: muito obrigado amigos e companheiros de luta!

Ao grupo de pesquisa coordenados pela Beth, e que acolheu calorosamente este pesquisador (caído de paraquedas, num agosto de 2014), Juliana Aleixo e seu companheiro Gilson, Lívia Pellegrini, Juliana Araújo, Paula Aversa, Guilherme Providello e sua companheira e grande amiga Priscila Sales, Taís Barrenha e seu

esposo Ricardo Leão, Tânia Marques Cardoso: certamente este trabalho não teria sido possível sem a parceria nesses anos de trabalho e estudo!

À Priscila Miraz, minha eterna companheira e amante: com você meus dias são mais felizes! Ao Igor M. de Souza Dias, enteado, filho, amigo e companheiro que me aceitou em sua vida. À minha sogra (e atenta revisora deste trabalho) D. Mariluce Miraz de Freitas, meu cunhado Gabriel Miraz, minha cunhada Fabiana Miraz, Maria Laura Miraz Monteiro e tia Vera: obrigado por tudo (principalmente pelos churrascos animados!!).

Ao meu sogro, Mário Grecco e sua esposa Dércia pelo carinho, respeito e amizade nesses anos de convivência!

Ao meu pai, Osmar Rodrigues e sua companheira Nocélia: muito obrigado por tudo, especialmente pelo suporte nos momentos de crise e aflição!

À Silvia Christina de Oliveira, minha mãe, que pacientemente compreende as agruras desta vida acadêmica que, não raro, me deixaram distante de todos. À Carolina (Nina), minha querida irmã e Jean, seu esposo, que, além das risadas e bagunças, ainda me presentearam com os queridos sobrinhos Heitor, Ana Luz e Alícia! Ao Bruno de O. Rodrigues, querido irmão (e tradutor do resumo para o inglês deste trabalho), muito obrigado por tudo! À Dona Zinha, minha avó querida, e seu Zé Barbeiro meu avô (e sua companheira Clara): meu muito obrigado!!!

Aos funcionários, colegas de docência e ex-alunos da *Faculdade da Alta Paulista* (FAP) e da *Unesp-Assis* (muitos deles, hoje, companheiros e amigos de pós-graduação)!

Agradeço aos funcionários da seção de pós-graduação da Unesp-Assis, cujo profissionalismo e seriedade se fizeram presentes nesses anos em que trabalhamos próximos.

Finalmente agradeço à *Coordenação de Pessoal de Nível Superior* (CAPES), pelo apoio financeiro parcial para a realização desta pesquisa.

*“(...) fazer a crítica é tornar difíceis os gestos fáceis demais”.*

**Michel Foucault** (2010a, p. 354).



RODRIGUES, RAFAEL DE OLIVEIRA. **PEDAGOGIA, INSTRUÇÃO, DISCIPLINA, GOVERNO: a Educação sob a luz da obra de Michel Foucault**. 2016. 210 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2016.

## RESUMO

Este trabalho visa enfrentar o problema da crise da Educação no presente à luz do pensamento de Michel Foucault, utilizando-se, para tanto, de alguns dos conceitos criados pelo autor para problematizar o conjunto de práticas pelas quais, na atualidade, se estabeleceu o Estado moderno, o liberalismo e a lógica capitalista. Segundo uma perspectiva de pesquisa de embasamento *genealógico* (cuja estratégia por um lado recusa uma história que busca as origens, a verdade pretensamente universal e que, por outro, nos ensina a olhar os acidentes, os percalços, os desvios, as recorrências e as dispersões dos acontecimentos), fizemos um levantamento das obras de Foucault atualmente publicadas e buscamos nelas os pontos em que havia referências ao tema da Educação, utilizando-nos de mecanismos de pesquisa para documentos digitais. A partir dos dados coletados, emergiram as categorias de análise por meio das quais realizamos, nos capítulos subsequentes, uma análise quantitativa e uma análise de conteúdo. A ideia de Educação associada à cura e à Educação como *arte de governar*, quando cotejadas com a obra foucaultiana, nos permitiu compreender a Educação segundo uma problematização das práticas pedagógicas (discursivas e não-discursivas) que a sustentam. Após essa etapa, realizamos um levantamento bibliográfico para encontrar os comentadores no Brasil que utilizaram a perspectiva foucaultiana para pensar a Educação e buscamos compreender como alguns dos conceitos de Foucault foram utilizados por esses estudiosos na produção de trabalhos críticos. Por fim, problematizamos algumas práticas em Educação que consideramos inovadoras e que, embora não sejam frutos diretos de Foucault, levam em conta a crítica foucaultiana para pensar diferentemente a Educação e produzir práticas de resistência ao cenário instituído marcadamente presentes nesse campo.

**Palavras-chave:** Michel Foucault, Ensino, Educação, Disciplina Escolar.

RODRIGUES, RAFAEL DE OLIVEIRA. **PEDAGOGY, INSTRUCTION, DISCIPLINE, GOVERNMENT: The Education Through Michel Foucault's Work**. 2016. 210 p. Thesis (PhD in Psychology) – School of Science and Letters, São Paulo State University, Assis, 2016.

## ABSTRACT

This work aims to address an overview on Education crisis problem currently established through Michel Foucault's thinking. To do so, some concepts conceived by the author are used in order to discuss the set of practices through which, presently, the modern Estate, liberalism and the capitalistic ideal have settled. According to a research based on a *genealogical* view (which initiative, in one hand, refuses a kind of history that seeks the beginnings and a supposedly universal truth and that, in other hand, show us how to look at the events casualties, incidents, deviations, recurrences and dispersions), we proceeded to map out Foucault's actual published works and localized on them via digital data searching mechanisms each passage in which there were references on Education. From this gathered data, the analysis categories through we made, in the further chapters, a quantitative and a content analysis have arisen. The notion of education related to the cure and the *government art*, when contrasted to foucauldian works, have allowed us to perceive the Education from questioning pedagogical practices (discursive and non-discursive) that sustain them. After that, we made a bibliographical research in order to find the Brazilian Foucault's commentators that have written from his overview on Education to find out how some of his concepts were used to them in their critical works. Lastly, we discussed some educational practices that we find innovative and that, although are not directly from Foucault's thoughts, take account of foucauldian criticism to think the Education differently and to produce resistance practices on this field nowadays.

**Keywords:** Michel Foucault, Teaching, Education, School Discipline.

## ÍNDICE DE TABELAS

TABELA 1 – Grupos de Pesquisa Ligados a Michel Foucault (CAPES).....	60
TABELA 2 – OBRA: livros, palestras e compilações de Michel Foucault.....	69
TABELA 3 – CURSOS: aulas ministradas no <i>Collège de France</i> por Michel Foucault .....	73
TABELA 4 – Ocorrência Panorâmica do Verbetes “educa” .....	74
TABELA 5 – Ano de Publicação dos Textos de “Microfísica do Poder” .....	85
TABELA 6 – Ocorrência Panorâmica do Verbetes “educa” .....	94
TABELA 7 – Total de Ocorrências na Categorias 03 .....	96

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Ocorrências do Verbete na Obra de M. Foucault .....	76
GRÁFICO 2 – Relação entre as ocorrências do verbete “educa” com o ano de publicação dos textos em Ditos e Escritos .....	83

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
<b>GENEALOGIA COMO PERSPECTIVA METODOLÓGICA</b> .....	<b>24</b>
Procedimentos de Pesquisa.....	28
<b>CAPÍTULO 1 – ATREVASSANDO A VIDA E OBRA DE MICHEL FOUCAULT</b> .....	<b>36</b>
Introdução - Michel Foucault: um Pirotécnico Conceitual.....	36
1.1. O Efeito Foucault na Produção de um Pensamento Voltado para a Educação no Brasil.....	57
1.2. Uma Visão Panorâmica Sobre a Obra de Michel Foucault.....	66
1.3. Resultados Analíticos.....	78
1.3.1. Delimitações dos Materiais Elencados.....	78
1.3.1.1. Ditos e Escritos.....	81
1.3.1.2. Microfísica.....	84
1.3.1.3. Verdade e as Formas Jurídicas.....	87
1.3.2. Primeiro Mergulho: Análise Percentual das Ocorrências.....	88
1.3.3. Segundo Mergulho: Análise das Ocorrências da Categoria 03...	96
<b>CAPÍTULO 2 – ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS: PENSANDO A EDUCAÇÃO SEGUNDO OS TRÊS EIXOS DE FOUCAULT</b> .....	<b>105</b>
2.1. Primeiro Domínio: Arqueologia.....	111
2.2. Segundo Domínio: Genealogia.....	123
2.3. Terceiro Domínio: Estética da Existência (Subjetivação).....	134
<b>CAPÍTULO 3 – PENSAR A EDUCAÇÃO A PARTIR DE MICHEL FOUCAULT</b> ....	<b>138</b>
3.1. Dimensões Epistemológicas e Empíricas da Educação.....	142
3.2. Instituição Escolar e Estratégias Normatizantes.....	148
3.3. Constituição de Subjetividades e suas Relações com a Educação.....	154
3.4. <i>Governamentalização</i> na Educação.....	156
3.5. Relações Éticas para Pensar os Sujeitos na Educação.....	161
<b>CAPÍTULO 4 – AREJANDO A EDUCAÇÃO</b> .....	<b>167</b>
4.1. A Escola da Ponte.....	173
4.2. Projeto Âncora.....	175
4.3. Quanto Sinto que Já Sei.....	183
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>188</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>199</b>

## INTRODUÇÃO

“*Eu tinha muito mais necessidade dele do que ele de mim*” (DELEUZE, 2010, p. 109). A frase parece um murmúrio. Convida a pensar em amizade, gratidão, reconhecimento, admiração. Deleuze, se reportando a Foucault, fala com verve e admiração. A teoria do amigo não somente o ensina, o atravessa, o fere, o corta, o faz seguir e, assim, partindo de Foucault, bem como de outros teóricos, Deleuze desenvolve ideias como a sociedade de controle no mundo atual. (MAIOR JÚNIOR; MAIA; NASCIMENTO, 2014, p. 56–57 - grifos em itálico nosso).

Como lemos na epígrafe acima, Gilles Deleuze (1925-1995) tinha necessidade da presença e do pensamento de Foucault para desenvolver seu próprio trabalho. Assim também é para nós: temos necessidade de encontrar o pensamento desse amigo distante que se avizinha e que nos convoca à ação no campo da Psicologia, da Educação, da História, cortando nossa carne e nosso pensamento – interrompendo o seu curso – ensinando, dilacerando, atravessando e possibilitando a construção de passagens, pontes e caminhos que se encontram com os problemas que consideramos nesta pesquisa. Com essa premissa em mente, entendemos, ainda, que a leitura foucaultiana sobre os diferentes modos em que as sociedades se organizaram em seu desenvolvimento histórico, pode trazer pistas sobre a maneira pela qual, por extensão, a ideia de Educação foi sendo paulatinamente estruturada, pensada e efetivamente aplicada.

Como aponta Júlio Groppa Aquino (AQUINO, 2014), quer seja numa militância, ou na difícil tarefa de localizar o que seria um *éthos* educativo, o encontro com Michel Foucault oferece, àqueles que o protagonizam, a chance de conquistar certo distanciamento crítico de seu próprio tempo e implodir, por completo, os implacáveis regimes de verdade que o sustentam. Essa relação fecunda proporcionada com Foucault, ainda segundo este autor, nos impõe um distanciamento “(...) franqueado por um gesto tríplice de desassossego intelectual, de sobriedade política e, quiçá, de discreta alegria espiritual” (AQUINO, 2014, p. 96).

Nesse sentido e movido por esse tríplice efeito provocado por Foucault é que nos colocamos na árdua tarefa que esta pesquisa nos convoca, balançando as velhas certezas, incomodando as “verdades” historicamente aceitas. O que nos propusemos,

para esse trabalho, será escovar essa hegemonia sobre uma pretensa verdade sobre Educação à contrapelo, interrogar, perguntar, duvidar. Desta feita, inebriados pelos estudos foucaultianos – e entre uma enorme quantidade de perguntas em aberto que este trabalho toca (muitas das quais ainda sem resposta) – um problema salta aos olhos e poderia servir de ponto de partida para este trabalho investigativo: *a escola está em crise?* Por quê? Além disso, podemos interrogar a Educação em sua forma institucionalizada. Com isso, nos perguntamos: qual a função da escola, na passagem da *sociedade disciplinar* para a de *controle* e quais os novos modos de resistência que estão sendo inventados a partir dela?

Para iniciar essa problematização, é preciso direcionar nosso olhar – analisando a interrogação acima, de acordo com nossas convicções e sob o prisma genealógico. Foucault, de saída, nos apresenta a noção de *problematização* e que será usada de ponta a ponta nesta pesquisa. Assim, se faz necessário a compreensão da problematização como uma categoria analítica apenas:

(...) mas sim como uma atitude engajada no ultrapassamento dos limites impostos ao pensamento, por meio de noções tais como representação e criação, e que busca uma verdadeira experimentação do pensar através de um jogo agonístico. (VINCI, 2013, p. 105).

Nesse sentido, a escola, instituição nascida na modernidade e presente ainda hoje, ganha contornos de *tecnologia* e, por isso, podemos problematizá-la como um dispositivo, uma ferramenta ou um intrincado artefato destinado a produzir algo (SIBILA, 2012). Por tecnologia, acompanharemos Edgardo Castro, quando afirma:

A ciência e a filosofia supuseram que a verdade é algo que espera ser desvelado, quando nosso olhar pra ela se situa na perspectiva correta. Porém, segundo Foucault, há outra ideia, profundamente ancorada em nossa civilização, segundo qual a verdade não é algo que nos espera, mas que se produz. A verdade não seria, então, da ordem do que é, mas dos acontecimentos (*événement*). “Ela [a verdade] não se dá pela mediação dos instrumentos, ela é provocada mediante rituais; é atraída pelas astúcias, captada de acordo com a ocasião: estratégia e não método”. Por isso pode-se falar de uma *tecnologia da verdade* a propósito dos meios para produzi-la: conhecimento dos lugares onde se produz, dos tempos em que se a produz,



dos rituais que a produzem. (FOUCAULT *apud* CASTRO, 2009, p. 413 - grifos em itálico nosso).

Talvez possamos ir além e pensar essa *tecnologia* não somente como um único dispositivo: mas como um emaranhado de *dispositivos* que a inflacionam os sentidos, e multiplicam suas estratégias e é, como veremos, produtora de verdades e práticas concretas. Uma *tecnologia* do poder, diria Foucault, em que o interessante seria justamente que os poderes “(...) não estão localizados em nenhum ponto específico da estrutura. Funcionam como uma rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa [...]” (MACHADO, 1990, p. XIV).

Além disso, Foucault compreende a ideia de *tecnologia*, como sendo o estudo do poder em termos de *estratégias* e das *táticas* em determinado campo de saberes e práticas. Assim sendo:

(...) esses mecanismos do poder, esses procedimentos do poder. Há que considerá-los como técnicas, isto é, como procedimentos que foram inventados, aperfeiçoados, que se desenvolvem sem cessar. (FOUCAULT *apud* CASTRO, 2009, p. 412).

Assim, pensando-se no universo da *escola* (que, segundo nossa perspectiva, seria o local privilegiado no qual a Educação se faz prática) não é muito trabalhoso verificar que, aos poucos, essa aparelhagem vem se tornando ainda mais incompatível<sup>1</sup> com os corpos e as subjetividades das crianças de hoje. Os dados sobre

---

<sup>1</sup> Utilizaremos a noção de que a escola, e por extensão as práticas pedagógicas e disciplinares ali encontradas, estarão sempre em certo “descompasso” com as crianças, jovens e educandos em geral. Quer dizer, se a Educação forma, molda e promove uma mudança visível de caráter, comportamentos, fluxos (etc.) nas crianças e jovens, consideramos que tais mecanismos “cerceiam” uma livre e espontânea forma de ser, viver e estar no mundo, próprias daqueles ainda não considerados “educados”, sendo considerados, por muitos, como a expressão da liberdade no sentido extremo do termo, sob uma perspectiva que denota a ausência de submissão e de servidão. Com isso, a Educação escolar (seja ela contemporânea ou não), é, em si, *incompatível* com as crianças, sejam elas dos dias atuais, sejam elas de tempos passados. Para exemplificar, podemos aludir às palmatórias, castigos (entre outros) como medidas nada harmônicas presentes historicamente na Educação escolar.

evasão escolar<sup>2</sup>, violência nas escolas<sup>3</sup>, analfabetismo<sup>4</sup> (e outros) corroboram com esta calamitosa afirmação. Sob esse aspecto a “(...) escola seria, então, uma máquina antiquada” (SIBILA, 2012, p. 13), seja em seus componentes arquitetônicos e técnicos, seja em relação com os modos de funcionamento (pedagógicos, éticos, relacionais) que já não entram facilmente em sintonia com as crianças e jovens do século XX-XXI.

Com a instituição da obrigatoriedade do ensino nas escolas – que insiste em acontecer todos os dias durante longas horas, em quase todos os cantos do planeta – as peças dessa gigantesca maquinaria não se encaixam bem: há imprevistos irreconciliáveis em suas engrenagens e os circuitos não raro entram em colapso, se obstruem com frequência, o que ocasiona toda espécie de atritos, ruídos, transbordamentos. Há, nesse cenário, uma nítida divergência de época: um desajuste coletivo entre os colégios, metodologias de ensino, divisão de saberes e seus alunos na contemporaneidade, que se confirmam diariamente e, conforme adverte Paula Sibila: “(...) provavelmente se reforça[m] dia a dia na experiência de milhões de crianças e jovens de todo o mundo” (SIBILA, 2012, p. 14). E a autora continua:

Esta constatação ocorre justamente quando se está soldando um encaixe quase perfeito entre, de um lado, esses mesmo corpos e subjetividades e, de outro, um novo tipo de maquinaria, bem diferente da parafernália escolar e talvez oposta a ela. Referimo-nos, é claro, aos aparelhos móveis de comunicação e informação, tais como os celulares e os computadores portáteis com acesso à internet, que alargaram num abismo a fissura aberta há mais de meio século pela televisão e sua concomitante “cultura audiovisual” (SIBILA, 2012, p. 14).

---

<sup>2</sup> Segundo matéria publicada no site do Ministério da Educação: “(...) Em 2012, a taxa de abandono escolar atingiu 24,3%. E o índice se torna ainda mais preocupante se comparado com países vizinhos, como Chile (2,6% de evasão), Argentina (6,2%) e Uruguai (4,8%)”. Link: <http://www.brasil.gov.br/educacao/2013/11/mec-cria-grupo-para-examinar-cao-causa-de-evasao-escolar>. Acessado em 08 de maio de 2015, 7h.

<sup>3</sup> Cf. matéria jornalística “Um em cada 11 estudantes falta à escola por medo de violência”. Link: <http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2013-06-19/um-em-cada-11-estudantes-falta-a-escola-por-medo-de-violencia.html>. Acessado em 08 de maio de 2015, 7h30.

<sup>4</sup> Mesmo em queda, a taxa de analfabetismo no Brasil ainda é preocupante, como aponta a matéria: “Brasil é o 8º país com maior número de analfabetos adultos, diz Unesco”. Link: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2014/01/brasil-e-o-8-pais-com-mais-analfabetos-adultos-diz-unesco.html>. Acessado em 08 de maio de 2015, 8h.

Talvez a crise do paradigma escolar no qual estamos atualmente imersos ocorra por conta dessa mesma obrigatoriedade escolar que engloba a tudo e a todos no ambiente em geral, massificante das escolas e centros de aprendizagem espalhados pelo globo. Além disso – e na medida em que as novas subjetividades contemporâneas, muito mais rápidas, dinâmicas e conectadas entre si em escala planetária (através dos cabos óticos que carregam milhões de dados virtuais ao redor do mundo) – manifestam sua flagrante desconformidade com as ferramentas escolares consideradas antiquadas, datáveis e, sob certos aspectos, antigas e analógicas, fica-nos evidente que a escola é uma tecnologia de época, como sabiamente nos alerta Paula Sibila (2012).

Essa multiplicação das redes aprisionantes da Educação escolar nem sempre existiu, assim como nem sempre estava imersa no atual cenário de universalização irrestrito como vemos. Por isso, ainda que pareça tão “natural” – algo cuja inexistência seria inimaginável a nós, contemporâneos –, o certo é que essa instituição nem sempre existiu, como a água e o ar.

Ademais, não é natural pensarmos numa eternidade contínua quando nos referimos às ideias de criança, infância, filho ou aluno, conceitos igualmente naturalizados e, exatamente por isso, também passíveis de historicidade e problematizações. Ao contrário: o paradigma escolar – expresso através do regime escolar altamente influenciado pelas técnicas disciplinares descritas por Foucault, especialmente em **Vigiar e Punir** (FOUCAULT, 1987) – foi inventado há bem pouco tempo, emergente de uma cultura bem definida, produto de uma racionalidade concreta e identificável, cujo alvo eram as famílias abastadas, mas que progressivamente foi sendo universalizado e seu acesso “democratizado” para as classes mais pobres e com menos acesso à renda.

De fato, essa instituição foi concebida com o objetivo de atender a um conjunto de demandas específicas do projeto histórico que a planejou e procurou pô-la em prática: a modernidade<sup>5</sup>. Sobre isso, Sibila vai ao cerne da questão:

---

<sup>5</sup> Como lemos em João Barroso: “Durante mais de 150 anos o Estado assumiu, no mundo ocidental, a função de Estado Educador. A criação e desenvolvimento da escola pública tornou-se, primeiro, um imperativo para a consolidação do Estado-Nação e, mais tarde (principalmente a partir da Segunda Guerra Mundial), um elemento essencial do desenvolvimento económico.” (BARROSO, 2004, p. 9).

Sem dúvida, foi uma estratégia sumamente ousada, que em contrapartida também requeria certas condições básicas para poder funcionar: além de estipular metas e objetivos, foi preciso estabelecer determinados requisitos de índole variada para que essa maquinaria pudesse funcionar com eficácia. Entre as exigências históricas a que a criação dessa curiosa entidade procurou responder figuraram os compromissos desmedidos da sociedade moderna, que se pensou a si mesma – pelo menos idealmente – como igualitária, fraterna e democrática. Por conseguinte, assumiu a responsabilidade de educar todos os cidadãos para que ficassem à altura de tão magno projeto, servindo-se para esse fim dos potentes recursos de cada Estado nacional. Era preciso alfabetizar cada habitante da nação no uso correto do idioma pátrio, por exemplo, ensinando-o a se comunicar com seus contemporâneos e com as próprias tradições por intermédio da leitura e da escrita. Além disso, era necessário instruir todos para que soubessem fazer cálculos e lidar com os imprescindíveis números. Em suma, um conjunto de aprendizagens úteis e práticas, que foram substituindo uma multidão de dogmas e mitos sem respaldo científico ou cuja utilidade se tornava flagrante, ou seja, tudo aquilo que não servia para nada, após ter perdido o substrato cultural que lhe dera sentido. Por último, embora não menos essencial, era preciso treinar os homens do futuro nos usos e costumes ditados pela virtuosa “moral laica” desfraldada pela burguesia triunfante: um cardápio inédito de valores e normas que se impôs com esse imenso projeto político, econômico e sociocultural. (SIBILA, 2012, p. 17–18).

Pode-se afirmar, então, que a escola desponta como um estabelecimento de grande destaque, como se fosse o carro-chefe da organização social moderna. (JUSTO, 2005). Sabemos que as mais distintas e diversas instituições surgiram pelos esforços do homem, e são instrumentos imprescindíveis para o funcionamento da sociedade moderna e contemporânea. Além disso, é sabido que algumas dessas foram criadas – ou profundamente remodeladas – com o advento do capitalismo e do pensamento liberal burguês, próprias da racionalização moderna. Diante disso não é exagero afirmar que: “(...) Não apenas a educação, mas também a própria realidade social tornou-se escolarizada.” (ILLICH, 1973, p. 23), uma vez que:

(...) as empresas, os escritórios do governo, as entidades sem ânimo de lucro, devem transformar-se em instituições de ensino e aprendizagem, e as escolas têm que trabalhar em associação com os empregadores que fornecem emprego. (DRUCKER, 2004, p. 270 *apud* NOGUERA-RAMÍREZ, 2011, p. 14).

Desse modo, podemos entender algumas “funções” dessa instituição na sociedade moderna, agora atravessadas pelos processos de escolarização cujo alvo comunga com o viés econômico. Segundo José Sterza Justo:

(...) a família [seria] a responsável pela procriação e pela socialização primária; a escola tendo como tarefa a socialização secundária, mediante o ensinamento dos conhecimentos e valores básicos da cultura; o hospital, dando conta da saúde; a prisão e os manicômios retirando de circulação criminosos e loucos – todas a serviço, evidentemente, do funcionamento do capitalismo. (JUSTO, 2005, p. 28).

Apesar de terem funções e tarefas diferentes e específicas, todas essas instituições foram criadas (ou remodeladas) na modernidade sob uma mesma lógica ou sob um mesmo princípio de organização da sociedade, das relações humanas e de exercício de poder e dominação: o princípio de confinamento.

É a partir do domínio do ser-poder foucaultiano que foi possível entender que a escola moderna funcionou como principal dispositivo para disciplinar os corpos [...] docilizando-os e dando-lhes uma utilidade que tornou possível a consolidação do capitalismo industrial. Na Modernidade, a escola tornou-se a mais generalizada instituição de sequestro, sendo sua ação muito mais decisiva para a constituição das sociedades disciplinares do que outras instituições tais como a prisão, o exército, o hospital ou a fábrica. (VEIGANETO; SARAIVA, 2011, p. 6).

Por tais motivos é que acreditamos que os estudos de Michel Foucault são tão caros à Educação, à escola e às práticas que ocorrem nesses espaços: não sendo o primeiro a lançar um olhar crítico sobre a Educação, as escolas, os lugares de confinamento (mas talvez um dos últimos), este pensador deflagrou toda a maquinaria sutil que tais estabelecimentos imprimem àqueles que ali ficam confinados, e que ele denominou de dispositivos e tecnologias das sociedades disciplinares.

Desse modo – e no tocante à presente pesquisa na área da Educação e Psicologia –, optamos por buscar na obra do principal autor de referência para a construção da tese, Michel Foucault, como a ideia de *Educação* atravessou seus ditos e escritos, uma vez que, segundo nossas hipóteses, deflagram uma crítica pertinente

(e urgente) para se pensar os rumos que tais práticas ganham contornos na atualidade.

Acreditamos que esse levantamento se faz necessário na medida em que a ideia de *Educação* não foi trabalhada de forma pormenorizada por Foucault ainda que, por um lado, essa ideia atravessasse toda a sua obra (em forma de breve menção ou na articulação manifesta com os temas centrais de seus estudos) e esteja fortemente relacionada com os conceitos de dispositivo, poder, disciplina e sujeito. Por outro lado, nota-se que sua obra vem sendo largamente utilizada por inúmeros teóricos do campo da Educação<sup>6</sup>. Desta forma, segundo nossa visão, o mergulho na obra de Foucault nos auxiliará na compreensão e delimitação da ideia de Educação a partir dos conceitos foucaultianos e que estão tocando a construção desta pesquisa. Ademais, estamos partindo da tese levantada na década de 1990, por Keith Hoskin (pesquisador inglês), segundo a qual: “Durante todo el tiempo [Foucault] realizó un análisis educativo, aunque pensara que se refería al poder o al saber” (HOSKIN, 1993, p. 33). Ainda que esta seja uma hipótese radical, segundo nossa perspectiva, o que Hoskin menciona neste artigo está sendo tomado como uma alavanca que nos impulsiona para a visão que Foucault estabeleceu e – num certo sentido, difundiu –, sobre Educação.

Mesmo que não afirmemos, como Hoskin, que toda a obra de Foucault fala estritamente de Educação, consideramos que há uma forte aproximação entre seu pensamento e o tema da Educação. Assim, acreditamos ser possível encontrar em seus textos uma visão sobre a configuração de sociedade dividida historicamente em estratos, atravessadas por racionalidades e ancoradas em práticas reais, sustentadas por enunciados e linhas de saberes. A ideia de uma sociedade disciplinar está ancorada na noção de um *dispositivo disciplinar*, desenvolvido prioritariamente em instituições de sequestro, como escolas, prisões, manicômios e conventos; o que, por tais características, ilumina algumas áreas de nosso estudo – principalmente àquela concernente à aproximação secular entre *Educação* e *escolas* (esse último local

---

<sup>6</sup> Apenas para enumerar alguns, destacamos os trabalhos de Alfredo Veiga-Neto (UFGRS-RS), Julio Groppa Aquino (USP-SP), Silvio Gallo, (UNICAMP-SP), Vera Portocarrero (UERJ-RJ), Edson Passeti (PUC-SP), Sylvio Gadelha (UFC-CE), Márcio Alves Fonseca (PUC-SP), entre inúmeros outros.

privilegiado de atuação do *dispositivo disciplinar*). Por isso, concordamos com Alfredo Veiga-Neto e Maura Corcini Lopes, quando afirmam (baseados em Michel Foucault):

A escola – como a instituição encarregada de executar a pedagogia, entendida como conjunto de práticas e correlatos saberes educacionais – logo passou a funcionar como a principal maquinaria capaz de produzir um novo tipo de indivíduos para um mundo que deixava as formas de vida medievais para trás. (VEIGA-NETO; LOPES, 2010, p. 156).

Como já é sabido, no livro **Vigiar e Punir** (FOUCAULT, 1987), Foucault descreve pormenorizadamente vários processos de disciplinarização encontrados em diferentes instituições – como colégios, fábricas, oficinas, conventos e quartéis –, e sustenta a tese de que a principal característica de tais instituições é a disciplina corporal, a decomposição dos gestos segundo uma perspectiva do adestramento contínuo e vigiado, a divisão das pessoas (assim como do tempo) para realizar uma função, bem como dos saberes ali inseridos promovendo, se ampliarmos as análises foucaultianas, uma verdadeira disciplinarização dos conteúdos a serem repassados. Ainda segundo Foucault, o poder disciplinar é fruto de transformações da sociedade europeia (alvo de seus estudos), que propiciaram algumas transformações – ou mais precisamente, alguns deslocamentos –, migrando de um tipo de poder que estava concentrado nas mãos do Rei (chamado por Foucault de sociedade de soberania), para uma nova e ampliada forma de manejar as relações de poder: trata-se, agora, de um corpo burocrático e institucional disseminado ao longo do tecido social.

Além disso, a correlação histórica entre Educação e escolas nos é, atualmente, muito cara pois, dentre todas as instituições disciplinares pelas quais os sujeitos transitam, a escola possui a maior abrangência, pois é nela que os sujeitos modernos e contemporâneos passam a maior parte da sua formação: “(...) até que estejam prontos para a vida adulta”. (CÉSAR, 2009, p. 8).

Diante disso, uma abordagem possível da história (da Educação), segundo a leitura foucaultiana, consiste em vê-la inserida em um “campo de guerra”, permeada por relações de saber e poder e preocupada com a atualidade que nos atravessa. Isto seria, segundo Foucault, fazer uma “história do presente” (FOUCAULT, 2000a). Por tudo isso, buscar na obra do filósofo sua visão sobre *Educação* nos é particularmente



importante para que - investigando o que este importante expoente do pensamento francês via na área (ou dispositivo) da Educação e seus correlatos – possamos deslocar nosso olhar em relação aos atuais dispositivos educacionais para poder ver aí suas capturas, mas também a emergência da invenção e da novidade.

Assim como Michel Foucault, não entendemos *deslocamentos* por abandonos, mas como: “(...) extensões, ampliações do campo de análises”. (CASTRO, 2009, p. 189). Tomando de empréstimo a definição de Edgardo Castro, “deslocamentos-inclusões” irão nos permitir dialogar com os problemas advindos do presente no campo da Educação e sua interface com os conceitos foucaultianos que iremos pinçar para levar a cabo nossas hipóteses. Tais hipóteses são a possibilidade de pensar, com Michel Foucault, aberturas e deslocamentos da Educação para práticas para além das técnicas e dispositivos *disciplinares*.

Iniciaremos nosso texto apresentando a perspectiva metodológica que orientou a pesquisa, de embasamento genealógico, cuja estratégia, por um lado, recusa uma história que busca as origens, a verdade pretensamente universal e que, por outro, nos ensina a olhar os acidentes, os percalços, os desvios, as recorrências e as dispersões dos acontecimentos. Em seguida apresentaremos o levantamento realizado nas obras de Foucault atualmente publicadas dos pontos em que há referências ao tema da Educação, utilizando-nos de mecanismos de pesquisa para documentos digitais. A partir dos dados coletados, emergiram as categorias de análise por meio das quais realizamos, nos capítulos subsequentes, uma análise quantitativa<sup>7</sup> e uma análise de conteúdo<sup>8</sup>. Em seguida apresentaremos os resultados do levantamento bibliográfico realizado para encontrar os comentadores no Brasil que utilizaram a perspectiva foucaultiana para pensar a Educação e buscamos compreender como alguns dos conceitos de Foucault foram utilizados por esses estudiosos na produção de trabalhos críticos. Por fim, problematizaremos algumas práticas em Educação que consideramos inovadoras e que, embora não sejam frutos

---

<sup>7</sup> Destacamos o trabalho *As Atividades no Campo da Terapia Ocupacional: mapeamento da produção científica dos terapeutas ocupacionais brasileiros de 1990 a 2008*, (LIMA; PASTORE; OKUMA, 2011), cujo conteúdo nos auxiliou para pensarmos as análises quantitativas concernentes à presente pesquisa.

<sup>8</sup> Para isso, foi utilizado o trabalho *Atividade, ação, fazer e ocupação: a discussão dos termos na Terapia Ocupacional Brasileira* (LIMA; OKUMA; PASTORE, 2013), como balizador para se pensar sobre os dados obtidos neste estudo.

diretos da obra de Foucault, levam em conta a crítica foucaultiana para pensar diferentemente a Educação e produzir práticas que se afastem do modelo disciplinar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sabedoria institucionalizada das escolas diz aos pais, alunos e educadores que o professor que quer ensinar deve exercer sua autoridade num recinto sagrado [...] A escola, por sua própria natureza, tende a exigir o tempo integral e todas as energias de seus frequentadores. Isso, por sua vez, transforma o professor em guardião, pregador e terapeuta. (ILLICH, 1973, p. 64).

O percurso ora apresentado, exaustivo em alguns momentos; minucioso em outros mas, evidentemente repleto de espaços vazios, incompletos ou faltantes resultantes de uma análise que se pretende histórica-conceitual (que esboçamos com os conceitos foucaultianos) e, ao mesmo tempo, atual e respaldadas por práticas reais (aqui representados pelas linhas do capítulo quatro), tentou evidenciar – de várias maneiras diferentes, utilizando-se de um vasto material analisado e pinçado de textos foucaultianos, assim como de alguns de seus comentadores – que estamos diante de uma passagem de uma sociedade tipicamente *disciplinar*, para outra, a de *segurança*. Nesta, não há mais lugar para um sistema fechado, caracterizado unicamente pela descontinuidade espacial dos diferentes tipos de moldes (escola, fábrica, caserna ou prisão), ou seja, pela passagem sistemática de um meio a outro a fim de garantir a eficácia do exercício do poder, como afirmou Gilles Deleuze (1992) em sua leitura das pistas foucaultianas.

Podemos afirmar, nesse sentido, que Gilles Deleuze apontou a crise da *sociedade disciplinar* como uma mudança dos modos de confinamento centrados na prisão, no hospital, na fábrica, na escola e na família. Em sua leitura, Deleuze afirma que se os confinamentos da *disciplina* eram moldes produtores de subjetividades, enquanto as novas formas, de *controles*, são uma modulação, isto é, uma moldagem que pode ser transformada continuamente de maneira a produzir a subjetividade flexível como chave do controle. Nas palavras de Maria Rita de Assis César: “(...) As antigas instituições se transformaram em empresas, modificando a gramática que havia sido produzida pela velha sintaxe disciplinar” (CÉSAR, 2009, p. 4). Trata-se, agora, de um sistema aberto marcado não mais por confinamento, mas por um sistema em *modulação*:

Os confinamentos são *moldes*, distintas moldagens, mas os controles são *modulações*, como uma moldagem auto-deformante que mudasse continuamente, a cada instante, ou como uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto a outro. (DELEUZE, 1992, p. 221 - grifos em itálico do autor).

Ainda conforme Deleuze, se nas sociedades *disciplinares*, o sujeito estava sempre a recomeçar (quando inseridos em novas instituições, da escola à caserna, da caserna às fábricas), nas chamadas *sociedades de controle*: “(...) nunca se termina nada [...]” (DELEUZE, 1992, p. 221). A passagem da *sociedade disciplinar* para a *sociedade de segurança/controle* permite-nos compreender as mudanças pelas quais a instituição escolar vem passando na atualidade:

(...) a fim de tornar-se a instância de produção do novo sujeito moral, o sujeito flexível, tolerante e supostamente autônomo, requerido pelas novas modulações do controle que gravitam entre o Estado e o mercado neoliberal. (CÉSAR, 2009, p. 4).

Sem cairmos no engodo do julgamento – em que facilmente se poderá crer que este trabalho é um defensor da *sociedade de controle* – o fato é que nossos esforços recaíram sobre a tentativa de mostrar que a escola, bem como a Educação encarcerada sob esta alcunha, seria, então: “(...) uma máquina antiquada. Tanto seus componentes quanto seus modos de funcionamento já não entram facilmente em sintonia com os jovens do século XXI” (SIBILA, 2012, p. 13).

Tamanho descompasso pode ser vivido ou observado pela quantidade crescente nos dados de evasão escolar, indisciplina e verdadeiro colapso que as estruturas de ensino-aprendizagem no Brasil apresentam, em especial relativas às escolas mantidas pelo Estado, (AZEVEDO, 2010; DINIZ-PEREIRA, 2011; NOVAES, 2000; SIBILA, 2012).

Estamos, portanto, num momento de transformação dessas instituições de ensino e, acreditamos, nos momentos de crise algo inteiramente novo pode emergir, distanciando-se do modelo *disciplinar*, sem, no entanto, encaixar-se nas novas formas de *controle*, segundo uma leitura foucaultiana.

Como se já não fosse um cenário, por si só, aterrador, durante a escrita desta tese, vemos complexificar mais a questão de crise das instituições de confinamento: as ocupações escolares ocorridas pelos estudantes secundaristas no final de 2015 e início de 2016 em resposta à reorganização escolar vividas no estado de São Paulo, e propostas pelo governador, Geraldo Alckmin (PSDB) e o então Secretário de Educação, Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Herman Jacobus Cornelis Voorwald, ex-reitor da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Esse acontecimento corrobora com a afirmação da *falência* do modelo disciplinar de Educação, mas insufla um modelo de Educação tão descaradamente denunciado pela sua evidente contradição. Para compreendermos, nos ateremos mais detidamente sobre tais fatos.

O evento deflagrador dos inconformismos que culminaram com as ocupações inicia-se no dia 30 de novembro de 2015, quando Geraldo Alckmin (PSDB), governador do estado de São Paulo, autorizou a publicação no Diário Oficial do decreto de número 61.672 que promulgava uma *reorganização escolar* dos colégios públicos do estado, conforme lemos:

Artigo 1º – A Secretaria da Educação fica autorizada a proceder as transferências dos integrantes dos Quadros de Pessoal, nos termos dos artigos 54 e 55 da Lei Complementar nº 180, de 12 de maio de 1978, nos casos em que as escolas da rede estadual deixarem de atender 1 (um) ou mais segmentos, ou, quando passarem a atender novos segmentos.

Parágrafo único – Aplica-se o disposto no “caput” deste artigo às unidades escolares de Diretorias de Ensino distintas.

Artigo 2º – No caso de transferência dos integrantes do Quadro de Apoio Escolar e Quadro da Secretaria da Educação, a manutenção do Adicional de Insalubridade será por apostilamento do Dirigente Regional de Ensino.

Artigo 3º – As despesas decorrentes da aplicação do disposto neste decreto correrão à conta das dotações orçamentárias da Secretaria da Educação.

Artigo 4º – Este decreto entra em vigor na data de sua publicação, ficando revogadas as disposições em contrário. (ALCKMIN, 2015a).

Na prática, o que o presente Decreto – que ficou conhecido como o *decreto da reorganização escolar* –, põe em funcionamento é, a longo prazo, tornar de responsabilidade municipal todo ensino fundamental e, à curto prazo: “(...) dividir as escolas por ciclo único: primeiros anos do ensino fundamental, anos finais do ensino

fundamental e ensino médio” (“10 Motivos Para ser Contra a Reorganização das Escolas do Estado de São Paulo”, 2015). Isso quer dizer que algumas escolas que antes funcionavam com Ensino Fundamental (com alunos cujas idades vão de seis a quatorze anos) e Ensino Médio (de quinze a dezoito anos) farão a opção por apenas uma modalidade de oferta de ensino. Isso significa o fechamento de algumas unidades, além de um remanejamento de público:

O número de unidades fechadas representa 2% do total da rede. As instituições que terão alteração em seu funcionamento são muitas mais. Das 5,1 mil escolas estaduais de São Paulo, 754 que atendiam a diferentes etapas de ensino passarão a funcionar em segmento único, só Ensino Fundamental ou só Ensino Médio. (“Reorganização Escolar vai Fechar 94 Escolas Estaduais”, 2015)

Em entrevista ao portal UOL Educação, o governador psdbista afirmou:

Separando o ciclo, melhoram a qualidade da educação e o índice dessas escolas no Idesp. Mantendo juntas as crianças na mesma faixa etária, elas ficam mais focadas no ensino. (FERNANDES, 2015).

Além disso, ainda nas palavras do próprio governador, uma das maiores razões que o levaram à publicação do decreto, que autorizaria a imediata reorganização escolar, seria o fato de, uma das razões que levam uma família a tirar a criança da escola pública e matricular na escola privada é o *bullying*<sup>121</sup>. Em suas palavras: “(...) No mundo inteiro as escolas particulares já são separadas por ciclo. Nossa proposta, do ponto de vista pedagógico, está correta.” (ALCKMIN *apud* FERNANDES, 2015).

---

<sup>121</sup> A expressão *bullying* é: “(...) um anglicismo utilizado para descrever atos de violência física ou psicológica intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo ou grupo de indivíduos, causando dor e angústia e sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder.[1] *bullying* é um problema mundial, sendo que a agressão física ou moral repetitiva deixa sequelas psicológicas na pessoa atingida.” (“*Bullying*”, 2016).

No entanto, o jornal *Esquerda Diário* preparou uma síntese enumeradas em dez pontos que, segundo a redação deste jornal, deve-se ser contrário às mudanças instituídas com a promulgação dos decretos. São eles:

1– O projeto de reorganização escolar mudará a vida de todos, porém não foi debatido com professores, pais, alunos e funcionários das escolas de forma democrática. Fomos informados pela televisão e nosso destino será definido por decreto. 2– O objetivo central da “reorganização” é corte de verbas. Centenas de escolas serão fechadas, já que o remanejamento de mais de 1 milhão de alunos é concentrar a demanda em determinadas unidades de ensino e fechar outras. 3– Os professores temporários serão demitidos, pois haverá ainda menos aulas para atribuir. 4– Trabalhadores terceirizados da merenda e limpeza, que possuem contratos de trabalhos mais frágeis, também serão demitidos. 5– Mais alunos por sala de aula. A realidade de aulas lotadas será ainda pior. 6– A reorganização é uma preparação para abrir a escola pública ainda mais para a iniciativa privada. Com a municipalização do ensino fundamental, parcerias público-privadas na gestão escolar poderão ser implementadas. 7– Os alunos terão que estudar até 1,5 km da escola de origem, o que significa 3km entre uma escola e outra (se cada uma tiver na ponta do diâmetro) e em linha reta. Isso dificultará enormemente para os pais que tem filhos em ciclos diferentes. 8– Aumenta a evasão escolar, principalmente no ensino noturno, já que muitos alunos organizam sua vida em função do trabalho, estudam até as 23hs e acordam muito cedo. 9– Reduzirá a oferta pelo ensino noturno e os cursos de [Educação de Jovens e Adultos – EJA] ou torná-los extremamente precários. 10– Com o ensino em ciclos divididos por escola, a implementação do Ensino em Tempo Integral e a flexibilização do currículo serão facilitados, retirando disciplinas e esvaziando a escola de conteúdo. (“10 Motivos Para ser Contra a Reorganização das Escolas do Estado de São Paulo”, 2015).

De saída, no primeiro ponto, nota-se que, mesmo que o decreto seja positivo ao sistema de ensino das escolas públicas, como afirma Geraldo Alckmin, ele não foi democraticamente debatido nas instâncias em que ocorrerão as principais mudanças do decreto. Outro ponto destacado é a afirmação de “cortes de verbas” ao ensino, já precarizado, do estado de São Paulo. Além das demissões imediatas dos professores temporários, outro setor que sofrerá com o decreto são os trabalhadores terceirizados, que igualmente correm o risco de demissões conjuntas.

Uma das questões mais polêmicas do decreto é o fato de este promover, desde cedo, uma superlotação das salas de aulas (que já possuem uma média de 35 a 45 estudantes por turma), além de que muitos estudantes, se remanejados para outras instituições de ensino, deverão se deslocar por grandes distâncias para fazer o trajeto até as novas escolas.



O fato é que, após o anúncio do decreto, alunos de todo o estado iniciaram uma crescente ocupação das escolas em protesto à política de *reorganização escolar* e ao possível fechamento de alguns estabelecimentos. Ao todo, segundo dados divulgado pela mídia brasileira, até junho de 2016 foram aproximadamente 500 escolas ocupadas<sup>122</sup>. Além de São Paulo, houve ocupações no Ceará, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Goiás, Minas Gerais e Paraná (ZINET, 2016).

Dessa ocupação – fruto das insatisfações com a *reorganização* –, o que interessa para esta tese é o fato de que os jovens que se instalaram nas escolas, ao invés de depredá-la (como muitos, errônea e precipitadamente supuseram), a organizaram, limparam, abriram salas fechadas por anos, se mobilizaram e, contrariando a máxima de que a juventude não se interessa por conhecimentos, por aulas, solicitaram ajuda aos entusiastas das mais diversas áreas, e à sociedade civil, clamando por aulas, problematizações e debates! Conforme aponta Caio Zinet:

Os jovens ativistas estão fazendo História não só pelas conquistas políticas e pelo engajamento, mas principalmente porque forçaram uma reconfiguração do espaço escolar. Mostram que, ao contrário do que considera o senso comum, eles têm interesse em aprender, mas em um colégio no qual seus desejos e autonomia sejam respeitados dentro de um processo de ensino-aprendizagem que ultrapasse as paredes da sala de aula e os muros da escola, e que também leve em consideração saberes não tradicionais. (ZINET, 2016, p. [s.p.]).

Durante as ocupações, numa verdadeira aula de civilidade democrática, diversos canos que estavam quebrados foram consertados pelos estudantes, a grama que crescia junto ao lixo acumulado do lado de fora da escola foi cortada e várias hortas comunitárias foram cuidadosamente cultivadas. A pintura de inúmeras instituições foi refeita e alguns muros, marcados pelas cores do *grafit*. De forma coletiva (e espontânea), muitos dos estudantes “insurgentes” transformaram o espaço físico das escolas naquilo que sonhavam. Nas palavras de Zinet:

---

<sup>122</sup> Houve a criação de um site de monitoramento das escolas ocupadas em que é possível ver a data da ocupação, a situação de reintegração de posse, a localização e as necessidades urgentes – que vão desde mantimentos até presença, vigília e atividades culturais e educativas. O site pode ser acessado através do endereço: <https://goo.gl/i3xxDz> (“Escolas Estaduais Ocupadas em SP #OcupaEscola - Google Fusion Tables”, 2015).

Além de se organizarem em comissões para pensar as atividades do dia a dia, os estudantes também aproveitaram o espaço para compartilhar conhecimentos e realizar atividades culturais. Em uma escola do Rio de Janeiro, uma adolescente compôs uma música especialmente para o 8 de março, Dia Internacional da Mulher. (ZINET, 2016, p. [s.p.]).

Rapidamente, fomos surpreendidos por documentários que explicavam o movimento<sup>123</sup>, músicas<sup>124, 125</sup>, jornais<sup>126</sup> e diário das ocupações<sup>127, 128</sup>, aulas públicas, e começaram a surgir apoio de ativistas e artistas<sup>129</sup> e inúmeras coberturas jornalísticas.

Diante de tamanhas pressão a chamada *reorganização escolar* oferecida especialmente pelos jovens estudantes, mas apoiada por parte da sociedade civil, Alckmin volta atrás e revoga o decreto anterior, como podemos ler:

Artigo 1º – Fica revogado o Decreto nº 61.672, de 30 de novembro de 2015, que disciplina a transferência dos integrantes dos Quadros de Pessoal da Secretaria da Educação.

Artigo 2º – Este decreto entra em vigor na data de sua publicação. (ALCKMIN, 2015b)

Diante dos acontecimentos inéditos no cenário educacional do país, vários foram os pesquisadores, educadores e apoiadores do movimento que se sensibilizaram com as ocupações, e manifestaram publicamente seu apoio aos

<sup>123</sup> Destacamos o documentário produzido de forma independente: *Escolas Ocupadas - A verdadeira reorganização*. Para assistir, acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=UxpFW62i7M>.

<sup>124</sup> Numa delas: "*Ocupamania*" - a música das ocupações das escolas em SP. Para assistir, acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=JVKuOptVXRQ>.

<sup>125</sup> Igualmente, destacamos: *Ocupar e Resistir*. Acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=PqiHEh1ly6U&spfreload=10>.

<sup>126</sup>

<sup>127</sup> Destacamos: *Diário da Ocupação*. Para acessar, clique: <https://www.youtube.com/watch?v=73GMIJLrBJ8>.

<sup>128</sup> Destacamos: *Ocupação Escolas Públicas*, acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=FAtSPmkWL6I>.

<sup>129</sup> *O Trono do Estudante - Ocupação das escolas de São Paulo*. Para assistir, acesse: [https://www.youtube.com/watch?v=q4-SE\\_tJ4OM](https://www.youtube.com/watch?v=q4-SE_tJ4OM).

secundaristas. Num texto lido no Colégio Fernão Dias Paes, em 28 de abril de 2016, Peter Pál Pelbart<sup>130</sup> analisa que a ocupação das escolas pelos secundaristas de São Paulo: “(...) passará para a história como um dos gestos coletivos mais ousados na história recente do Brasil” (PELBART, 2016). Ainda segundo este pesquisador:

(...) um acontecimento como o do ano passado, com seu cortejo de arbítrio, violência, abuso, mas também de mobilização, iniciativa, afirmação, representou um corte abrupto na percepção social sobre o ensino, a escola, a polícia, o Estado, o poder, o desejo. Essa ruptura, essa reviravolta e o seu efeito significam o seguinte: o que até então era a trivialidade cotidiana, de repente torna-se intolerável. Por exemplo, se até então parecia natural que quem decidia sobre os equipamentos escolares eram os gestores, nos seus gabinetes, subitamente isso aparece como uma aberração intolerável. Com isso, todo um conjunto de coisas torna-se intolerável. A mercantilização da educação, as relações de poder vigentes dentro da escola, a disciplina panóptica, os modos desgastados de ensino, aprendizado, avaliação, até mesmo o objetivo da escola... Ao mesmo tempo, em contrapartida, o que até ontem parecia inimaginável (os alunos poderem ocupar e gerir os espaços que lhes são destinados, não apenas para reivindicar seus direitos, aprofundá-los, ampliá-los, mas também para experimentar a força de um movimento coletivo, autogestivo, suas possibilidades inúmeras e inusitadas) torna-se não só possível, mas desejável. (PELBART, 2016).

O aprendizado clamado pelos jovens das ocupações, segundo reportagem de Caio Zinet, não se limita ao acesso aos conteúdos, mas inclui:

(...) desde o cuidado com a grama e o espaço físico, até organização de palestras e oficinas sobre temas que os interessam, passando por organizar a alimentação e protagonizar atividades culturais. Assim, os estudantes vão colocando em xeque o modelo escolar tradicional e as relações que ali se estabelecem, colocando, na prática, uma escola que se pautou pelo desenvolvimento integral dos sujeitos. (ZINET, 2016, p. [s.p]).

Com essas ocupações, que se opuseram brava e corajosamente às coerções e desmandos do Estado – único signatário (ao que se supunha até então) da condução da Educação –, chegamos às conclusões finais deste trabalho. O que poderia parecer aterrador, desolador, árido e imóvel dada as forças históricas que

---

<sup>130</sup> Peter Pál Pelbart é um filósofo, ensaísta, professor e tradutor húngaro, residente no Brasil. Graduado em Filosofia pela Universidade Paris IV (Sorbonne) (1983), é mestre pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), doutor em Filosofia, pela Universidade de São Paulo e livre-docente pela PUC-SP (2000).

colonizaram a potência da Educação de sua criação até os dias de hoje –, e que este trabalho buscou compreender através das análises foucaultianas sobre o tema – nos abriu a possibilidade de, não só observar de que está em curso uma retomada das rédeas da potência educativa, como ato subversivo, como também de e acompanhar a algumas criações (já em curso e reconhecidas pelo Estado) de práticas inovadoras que promovam a autonomia, a liberdade e que buscam instruir para romper com o paradigma *disciplinador*.

De acordo com o ponto de vista foucaultiano, a resistência ao *biopoder* se encontra em seu próprio objeto: a vida. Logo, há que se investir nas possibilidades de que a Educação e a escola fomentem cada vez mais resistências à constituição de identidades e de maneiras de viver, agir, sentir e pensar sujeitadas, regulamentadas e controladas. Segundo Alexandre Filordi de Carvalho:

Afirmar, portanto, que a “escola precisa ser reinventada” [...] não é apostar nas minorações defensivas das ordens de governamentalidade, as quais na escola são componentes fundamentais, mas é consignar a ela musculatura cada vez mais avantajada, a fim de ampliar a própria reinventividade da forma como ela, a instituição, refunda a própria vida institucionalizada. (CARVALHO, 2014, p. 110).

Após nos determos sobre as considerações que Michel Foucault fez sobre Educação, como essa ideia fora articulada em seus textos e depois, posteriormente, como seus comentadores fizeram alusão à esses conceitos e teorização que orbitam sobre a Educação, retomamos aquilo que foi apresentado como problema, na introdução desta pesquisa. Keith Hoskin (1993) se perguntava se não teria sido Foucault um teórico da Educação, uma vez que, segundo este autor, o filósofo francês, no conjunto de sua obra, se debruçou exclusivamente sobre o campo da Educação (com seus bloqueios e fluxos). Ao final deste percurso, podemos afirmar que Foucault teria sido uma espécie de *historiador do presente* que:

(...) testemunhara, vivera e, ao mesmo tempo, criara uma metodologia para se observar criticamente a dissolução de um tempo marcado por certos dispositivos de poder que emulavam uma *sociedade disciplinar*. (CARDOSO JR; NALDINHO, 2006, p. 15 - grifos em itálico dos autores).

Posto isso, a tarefa de todos aqueles que almejam olhar a sociedade com as lentes foucaultianas seria, não apenas continuar as pesquisas relativas à *disciplina* em crise (como na escola), mas, conforme afirmam Hélio Rebello Cardoso Jr. e Thiago Canonenco Naldinho, munir-se de um olhar que permita vislumbrar a estratégia de um novo tipo de sociedade que: “(...) mascara-se com as faces e gestos da antiga, uma *nova sociedade de controle*” (CARDOSO JR; NALDINHO, 2006, p. 15).

Por toda parte, vivemos em dispositivos mistos de disciplina e controle e, mesmo que analisando panoramicamente as organizações, resistências, rupturas e movimentos sociais que lutam e defendem um tipo de Educação mais libertário, podemos acompanhar sua chegada rápida, e de influência crescente.

Sendo assim, a tarefa do pesquisador de inspiração foucaultiana (especialmente no tocante ao campo da Educação), deva ser recordar-se, para além das análises e problematizações que a *arqueologia* e a *genealogia do poder do último Foucault*. Daquele pesquisador que encontra, na antiguidade grega-romana clássica, a noção de *cuidado de si* permitida através de uma *estética da existência e liberdade* imanente às relações de poder. O *si*: “(...) como terceiro eixo, ao lado do saber e poder, passa a ser capaz de impor, através do auto-governo, resistência, e até controle, à força que vem do lado de fora (CARDOSO JR; NALDINHO, 2006, p. 16).

Com Foucault, pode-se defender a ideia de que é possível tornarmo-nos diferentes do que somos no interior desses dispositivos que moldam nossa subjetividade, e que atravessam nossos corpos, nossas instituições e os modos pelos quais nos relacionamos *entre si e consigo*.

Se com Foucault é possível notar a necessidade de *conhecer a si mesmo* para nos diferir – preceito que, na raiz, se afasta de uma pedagogia *disciplinadora* – esta concepção carrega consigo a difícil tarefa da *liberdade*: longe de identificar-se com “liberação” ou “livre arbítrio”, a liberdade, em Foucault, será o trabalho infinito de demolição daquilo que somos, e de permanente construção do que podemos ser. *Liberdade* é a possibilidade de: “(...) desprender-se de si mesmo e do que é já constituído [...] Com Foucault, trata-se de admitir a liberdade de ‘pensar, viver e escrever’ mediante um questionamento ininterrupto” (CALOMENI, 2011, p. 166) e

constante dos modos de viver, pensar e agir, que implica em transformações constantes de nós próprios. Significa:

(...) alargar as possibilidades de relações disponíveis ou dadas, desenvolver e reconhecer: “*relações de coexistência provisórias*”, (FOUCAULT, 2004, p. 120 *apud* CARDOSO JR; NALDINHO, 2006, p. 17 - grifos em itálico dos autores).

Essa tarefa, há muito necessária e urgente, impõe-se como um desafio e uma necessidade numa época árida de afetos, empobrecida nas relações e cujos excessos institucionais, apesar de demonstrarem clara falência, ainda estão espalhados pelo tecido social, cujos objetivos são a *administração* e o *fortalecimento do governo dos vivos* (FOUCAULT, 2011h).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**10 Motivos Para ser Contra a Reorganização das Escolas do Estado de São Paulo.** Site Jornalístico. Disponível em: <<http://www.esquerdadiario.com.br/10-motivos-para-ser-contra-a-reorganizacao-das-escolas-do-estado-de-Sao-Paulo>>. Acesso em: 5 abr. 2016.

AGAMBEN, G. *O Amigo & Que É Um Dispositivo?* Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Editora Argos, 2014.

ALCKMIN, G. Decreto no 61.672. 30 nov. 2015 a.

ALCKMIN, G. Decreto no 61.692. 4 dez. 2015 b.

ALLIO, R. **Eu Pierre Rivière, que Degolei Minha Mãe, Minha Irmã e Meu Irmão**, 1976. Disponível em: <<http://www.2001video.com.br/produto/dvd-eu-pierre-riviere-que-degolei-minha-mae-minha-irma-e-meu-irmao-49010.html>>. Acesso em: 9 fev. 2016

ALVAREZ, M. C.; PRADO FILHO, K. Michel Foucault. A Obra e Seus Comentadores (Levantamento Bibliográfico). **Revista Tempo Social**, v. 7, n. 1/2, p. 197–246, dez. 1995.

ALVES, N. M. **Michel Foucault. Trinta anos de influência.** Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/533383-trinta-anos-de-influencia>>. Acesso em: 29 mar. 2016.

AQUINO, J. G. A Difusão do Pensamento de Michel Foucault na Educação Brasileira: um itinerário bibliográfico. **Revista Brasileira de Educação**, v. 18, n. 53, p. 301–324, jun. 2013.

AQUINO, J. G. O Pensamento como Desordem: repercussões do legado foucaultiano. **Pro-Posições**, v. 25, n. 2, p. 83–101, ago. 2014.

AQUINO, J. G.; RIBEIRO, C. R. Processos de Governamentalização e a Atualidade Educacional: a liberdade como eixo problematizador. **Educação & Realidade, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, v. 34, n. 2, p. 57–72, 2009.

ARAÚJO, I. L. DE. Da “Pedagogização” à Educação: Acerca de Algumas Contribuições de Foucault e Habermas para a Filosofia da Educação. **Revista Diálogo Educacional**, v. 3, n. 7, p. 75–88, set/dez 2002.

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família.** Tradução Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos (LTC) editora, 1981.

AVOLIO, J. C.; FAURY, M. L. **MICHAELIS: Francês-Português, Português-Francês.** **MICHAELIS.** São Paulo: Editora Melhoramentos, 2002.

AZEVEDO, F. DE. **A Cultura Brasileira.** São Paulo: Edusp, 2010.

BARBOSA, M. **Aluno da UFPE Vence Mundial com Jogo que Compara Escolas e Prisões.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2015/07/aluno-da-ufpe-vence-mundial-com-jogo-que-compara-escolas-e-prisoas.html>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

BARROS, J. P. P. Biopolítica e Educação: relações a partir das discursividades sobre saúde na escola. **Educação & Realidade**, v. 38, n. 1, p. 361–381, 2013.

BARROSO, J. Escola da Ponte: defender, debater e promover a escola pública. In: CANÁRIO, R.; MATOS, F.; TRINDADE, R. (Eds.). **Escola da Ponte: defender a escola pública**. Porto: Profedições, 2004. p. 07–18.

BARROSO, J. et al. **Escola da Ponte: defender a escola pública**. Porto: Profedições, 2004.

BASÍLIO, A. L. **MEC Reconhece Instituições Educacionais Inovadoras e Criativas Pelo País**. **PORVIR**, 4 jan. 2016. Disponível em: <<http://porvir.org/mec-reconhece-instituicoes-educacionais-inovadoras-criativas-pelo-pais/>>. Acesso em: 31 mar. 2016

BRITO, F. DE L. Caminhos do Esclarecimento: Genealogia do ethos moderno como projeto filosófico em Foucault. **Revista Aulas**, v. 1, n. 3, p. 1–13, 2015.

*Bullying*. , 2 jun. 2016. (Nota técnica).

CAILLAT, F. **Foucault Contra Foucault**, 2014. Disponível em: <<http://filosofiaemvideo.com.br/documentario-foucault-contra-foucault-2014-legendado-portugues/>>. Acesso em: 2 set. 2016

CALDERON, P. **Foucault por ele Mesmo**, 2003. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Xkn31sjh4To>>. Acesso em: 9 fev. 2016

CALOMENI, T. C. B. A Intempestividade da Filosofia: a tarefa filosófica de pensar o presente. In: **Michel Foucault: transversais entre educação, filosofia e história**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. p. 153–179.

CARDOSO, T. M.; LIMA, E. M. F. DE A. Considerações Sobre a Genealogia como Crítica da Atualidade, Análise dos Limites e Pesquisa de Ultrapassagens Possíveis. **Texto não publicado, gentilmente cedido pelas autoras**, 2014.

CARDOSO JR, H. R. Pra que Serve uma Subjetividade? Foucault, tempo e corpo. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 18, n. 3, p. 343–349, 2005.

CARDOSO JR, H. R.; NALDINHO, T. C. Foucault e Deleuze/Guattari: apontamentos acerca da amizade como base do governo de si na relação entre professor e aluno. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, n. 6/7, p. 14–24, 2006.

CARVALHO, A. F. DE. **Foucault e a Função-Educador: sujeição e experiências de subjetividades ativas na formação humana**. Ijuí: Unijuí, 2010.

CARVALHO, A. F. DE. Foucault e a Potência Normativa do Saber no Campo da Educação. **ETD-Educação Temática Digital**, v. 14, n. 1, p. 121–140, 2012.

CARVALHO, A. F. DE. A Escola: uma Maquinaria Biopolítica de Rostidades? **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, n. 20, p. 4–29, 2013.

CARVALHO, A. F. DE. Foucault e a Crítica à Institucionalização da Educação: implicações para as artes de governo. **Pro-Posições**, v. 25, n. 2, p. 103–120, ago. 2014.



CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Tradução Ingrid Muller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CÉSAR, M. R. DE A. A Passagem da Sociedade Disciplinar para a Sociedade de Controle Permite Entender as Atuais Mudanças da Instituição Escolar. **CULT - Revista Brasileira de Cultura - Dossiê: Pensar a Educação Depois de Foucault**, v. ano 12, n. 134, p. 8–13, abr. 2009.

DELEUZE, G. **Foucault**. Tradução Cláudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 1988.

DELEUZE, G. Post-scriptum Sobre as Sociedades de Controle. In: **Conversações**. Tradução Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. p. 219–226.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1**. Tradução Luiz Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.

**Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

DINIZ-PEREIRA, J. E. O ovo ou a galinha: a crise da profissão docente e a aparente falta de perspectiva para a educação brasileira. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 92, n. 230, 14 abr. 2011.

DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. **Michel Foucault. Uma trajetória Filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Tradução Vera Portocarrero; Gilda Gomes Carneiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DROIT, R.-P. **Michel Foucault: entrevistas**. Tradução Vera Portocarrero; Gilda Gomes Carneiro. São Paulo: Graal, 2006.

DUSSEL, I. Foucault e a Escrita da História: reflexões sobre os usos da genealogia. **Educação & Realidade**, v. 29, n. 1, 1 jun. 2004.

**Em Carta, Marilena Chauí defende Cátedra Michel Foucault na PUC-SP. Portal Fórum**, 25 jun. 2015. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/2015/06/25/em-carta-marilena-chauí-defende-catedra-michel-foucault-na-puc-sp/>>. Acesso em: 9 fev. 2016

**Escolas Estaduais Ocupadas em SP #OcupaEscola - Google Fusion Tables**. Mapeando as Escolas Ocupadas. Disponível em: <[https://www.google.com/fusiontables/data?docid=1RU3hf\\_C1B5RdCr3dfrOz8Z4vG2i\\_81rOR\\_f8r2nI#rows:id=1](https://www.google.com/fusiontables/data?docid=1RU3hf_C1B5RdCr3dfrOz8Z4vG2i_81rOR_f8r2nI#rows:id=1)>. Acesso em: 5 abr. 2016.

EWALD, F.; FONTANA, A. Notas. In: FOUCAULT, M. (Ed.). **Nascimento da Biopolítica: curso dado no Collège de France (1977-1978)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. XV–XX.

FERNANDES, M. **Alckmin Volta a Defender Projeto de Reorganização Escolar**. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/noticias/agencia-estado/2015/12/18/alckmin-volta-a-defender-projeto-de-reorganizacao-escolar.htm>>. Acesso em: 5 abr. 2016.

FERRARI, A.; DINALI, W. Herança Moderna Disciplinar e Controle dos Corpos: quando a escola se parece com uma “gaiola”. **Educ. Rev., Belo Horizonte**, v. 28, n. 2, p. 393–422, 2012.

- FONSECA, M. A. DA. **Michel Foucault e a Constituição do Sujeito**. São Paulo: EDUC, 2011.
- FOUCAULT, M. **Doença Mental e Psicologia**. Tradução Lilian Rose Shalders. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade (vol. 2): o uso dos prazeres**. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade (vol. 3): os cuidados de si**. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1985.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade (vol. 1): a vontade de saber**. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque; J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1990a.
- FOUCAULT, M. Não ao Sexo Rei. In: **Microfísica do Poder**. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1990b. p. 229–242.
- FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996a.
- FOUCAULT, M. **A Verdade e as Formas Jurídicas**. Tradução Roberto Cabral de Melo Machado; Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro: NAU Editora, 1996b.
- FOUCAULT, M. **Ditos & Escritos (vol. 1) - A Problematização Do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria E Psicanálise**. Tradução Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999a.
- FOUCAULT, M. **História da Loucura na Idade Clássica**. Tradução José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999b.
- FOUCAULT, M. **Em Defesa da Sociedade (curso no Collège de France, 1975-1976)**. São Paulo: Martins Fontes, 1999c.
- FOUCAULT, M. **As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999d.
- FOUCAULT, M. O Grande Internamento. In: MOTTA, M. B. DA (Ed.). **Ditos & Escritos (vol. 1) - A Problematização Do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria E Psicanálise**. Tradução Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999e. p. 258–268.
- FOUCAULT, M. Nietzsche, A Genealogia, A História. In: MOTTA, M. B. DA (Ed.). **Ditos & Escritos (vol. 2) – Arqueologia Das Ciências E História Dos Sistemas De Pensamento**. Tradução Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000a. p. 260–281.

FOUCAULT, M. **Ditos & Escritos (vol. 2) - Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Tradução Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000b.

FOUCAULT, M. O Que são as Luzes? In: **Ditos & Escritos (vol. 2) - Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Tradução Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000c. p. 335–351.

FOUCAULT, M. (ED.). **Eu, Pierre Rivière, que Degolei Minha Mãe, Minha Irmã e Meu Irmão: um caso de parricídio do século XIX**. Tradução Denize Lezan De Almeida. Rio de Janeiro: Graal, 2000d.

FOUCAULT, M. O Que São as Luzes. In: MOTTA, M. B. DA (Ed.). . **Ditos & Escritos (vol. 2) - Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Tradução Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000e. p. 335–351.

FOUCAULT, M. **Ditos & Escritos (vol. 3) - Estética Literatura e Pintura Musicas E Cinemas**. Tradução Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001a.

FOUCAULT, M. **Dits et Écrits, tome I: 1954-1975**. Paris: Gallimard, 2001b.

FOUCAULT, M. **Dits et Écrits, tome II: 1976 - 1988**. Paris: Gallimard, 2001c.

FOUCAULT, M. **Os Anormais: curso no Collège de France (1974-1975)**. São Paulo: Martins Fontes, 2001d.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 6ª edição ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

FOUCAULT, M. **Ditos & Escritos (vol. 5) - Ética, Sexualidade e Política**. Tradução Elisa Monteiro; Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a.

FOUCAULT, M. Verdade, Poder e Si Mesmo. In: MOTTA, M. B. DA (Ed.). . **Ditos & Escritos (vol. 5) - Ética, Sexualidade e Política**. Tradução Elisa Monteiro; Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b. p. 294–300.

FOUCAULT, M. A Tecnologia Política dos Indivíduos. In: MOTTA, M. B. DA (Ed.). . **Ditos & Escritos (vol. 5) - Ética, Sexualidade e Política**. Tradução Elisa Monteiro; Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004c. p. 301–318.

FOUCAULT, M. O Uso dos Prazeres e as Técnicas de Si. In: MOTTA, M. B. DA (Ed.). . **Ditos & Escritos (vol. 5) - Ética, Sexualidade e Política**. Tradução Elisa Monteiro; Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004d. p. 191–217.

FOUCAULT, M. **Ditos & Escritos (vol. 4) - Estratégia, Poder-Saber**. Tradução Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a.

FOUCAULT, M. Eu Sou um Pirotécnico. In: DROIT, R.-P. (Ed.). . **Michel Foucault: entrevistas**. Tradução Vera Portocarrero; Gilda Gomes Carneiro. São Paulo: Graal, 2006b. p. 67–102.

FOUCAULT, M. Mesa Redonda em 20 De Maio De 1978. In: MOTTA, M. B. DA (Ed.). . **Ditos & Escritos (vol. 4) - Estratégia Poder-Saber**. Tradução Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006c. p. 334–351.

FOUCAULT, M. A Sociedade Disciplinar em Crise. In: MOTTA, M. B. DA (Ed.). . **Ditos & Escritos (vol. 4) - Estratégia, Poder-Saber**. Tradução Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006d. p. 267–269.

FOUCAULT, M. Prisões e Revoltas nas Prisões. In: MOTTA, M. B. DA (Ed.). . **Ditos & Escritos (vol. 4) - Estratégia, Poder-Saber**. Tradução Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006e. p. 61–68.

FOUCAULT, M. “Omnes et Singulation”: uma Crítica da Razão Política. In: MOTTA, M. B. DA (Ed.). . **Ditos & Escritos (vol. 4) - Estratégia, Poder-Saber**. Tradução Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006f. p. 355–386.

FOUCAULT, M. Os Intelectuais e o Poder. In: MOTTA, M. B. DA (Ed.). . **Ditos & Escritos (vol. 4) - Estratégia, Poder-Saber**. Tradução Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006g. p. 37–47.

FOUCAULT, M. “Arrancados por Intervenções Enérgicas de Nossa Permanência Eufórica na História. Pomos as ”Categorias Lógicas“ a Trabalhar”. In: MOTTA, M. B. DA (Ed.). . **Ditos & Escritos (vol. 4) - Estratégia, Poder-Saber**. Tradução Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006h. p. 81–86.

FOUCAULT, M. Conversação com Michel Foucault. In: MOTTA, M. B. DA (Ed.). . **Ditos & Escritos (vol. 4) - Estratégia, Poder-Saber**. Tradução Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006i. p. 13–25.

FOUCAULT, M. **Segurança, Território, População: curso dado no Collège de France (1977-1978)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

FOUCAULT, M. **Nascimento da Biopolítica: curso dado no Collège de France (1977-1978)**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

FOUCAULT, M. É Importante Pensar? In: MOTTA, M. B. DA (Ed.). . **Ditos & Escritos (vol. 6) - Repensar a Política**. Tradução Ana Lúcia Paranhos Pessoa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a. p. 354–358.

FOUCAULT, M. **Ditos & Escritos (vol. 6) - Repensar a Política**. Tradução Ana Lúcia Paranhos Pessoa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b.

FOUCAULT, M. O Sujeito e o Poder. Por que estudar o poder: a questão do sujeito. In: **Michel Foucault. Uma Trajetória Filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010c. p. 273–295.

FOUCAULT, M. O Olho do Poder. In: MOTTA, M. B. DA (Ed.). . **Ditos & Escritos (vol. 6) - Repensar a Política**. Tradução Ana Lúcia Paranhos Pessoa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010d. p. 105–125.

FOUCAULT, M. Conversa com Michel Foucault. In: MOTTA, M. B. DA (Ed.). . **Ditos & Escritos (vol. 6) - Repensar a Política**. Tradução Ana Lúcia Paranhos Pessoa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010e. p. 289–347.

FOUCAULT, M. **Ditos & Escritos (vol. 7) - Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina**. Tradução Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011a.

FOUCAULT, M. O Estilo Da História. In: MOTTA, M. B. DA (Ed.). . **Ditos & Escritos (vol. 7) – Arte, Epistemologia, Filosofia E História Da Medicina**. Tradução Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011b. p. 252–258.

FOUCAULT, M. A Função Política do Intelectual. In: MOTTA, M. B. DA (Ed.). . **Ditos & Escritos (vol. 7) - Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina**. Tradução Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011c. p. 213–219.

FOUCAULT, M. Crise da Medicina ou Crise da Antimedicina? In: MOTTA, M. B. DA (Ed.). . **Ditos & Escritos (vol. 7) - Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina**. Tradução Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011d. p. 374–393.

FOUCAULT, M. A Extensão Social da Norma. In: MOTTA, M. B. DA (Ed.). . **Ditos & Escritos (vol. 7) - Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina**. Tradução Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011e. p. 394–398.

FOUCAULT, M. A Política da Saúde no Século XVIII. In: MOTTA, M. B. DA (Ed.). . **Ditos & Escritos (vol. 7) - Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina**. Tradução Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011f. p. 357–373.

FOUCAULT, M. Michel Foucault, as Respostas do Filósofo. In: MOTTA, M. B. DA (Ed.). . **Ditos & Escritos (vol. 7) - Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina**. Tradução Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011g. p. 343–356.

FOUCAULT, M. **Do Governo dos Vivos: curso dado no Collège de France (1979-1980)**. 2ª ed. São Paulo: Achiamé, 2011h.

FOUCAULT, M. **Ditos & Escritos (vol. 8) - Segurança, Penalidade e Prisão**. Tradução Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012a.

FOUCAULT, M. As Malhas do Poder (Conferência). In: MOTTA, M. B. DA (Ed.). . **Ditos & Escritos (vol. 8) - Segurança, Penalidade e Prisão**. Tradução Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012b. p. 168–188.

FOUCAULT, M. **Ditos & Escritos (vol. 9) - Genealogia da Ética, Subjetividade e Sexualidade**. Tradução Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014a.

FOUCAULT, M. **Ditos & Escritos (vol. 10) - Filosofia, Diagnóstico do Presente e Verdade**. Tradução Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014b.

FOUCAULT, M. Sobre a Genealogia da Ética: um Resumo do Trabalho em Curso. In: MOTTA, M. B. DA (Ed.). . **Ditos & Escritos (vol. 9) - Genealogia da Ética, Subjetividade e Sexualidade**. Tradução Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014c. p. 214–237.

FOUCAULT, M. A Verdade e as Formas Jurídicas. In: MOTTA, M. B. DA (Ed.). . **Ditos & Escritos (vol. 10) - Filosofia, Diagnóstico do Presente e Verdade**. Tradução Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014d. p. 130–244.

FOUCAULT, M. Entrevista com Michel Foucault. In: MOTTA, M. B. DA (Ed.). . **Ditos & Escritos (vol. 9) - Genealogia da Ética, Subjetividade e Sexualidade**. Tradução Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014e. p. 13–34.

FOUCAULT, M. Os Anormais. In: MOTTA, M. B. DA (Ed.). . **Ditos & Escritos (vol. 10) - Filosofia, Diagnóstico do Presente e Verdade**. Tradução Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014f. p. 265–271.

FOUCAULT, M.; DAHER, A.; MACHADO, R. **Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FOUCAULT, M.; ROUANET, P. S.; MERQUIOR, J. G. Entrevista com Michel Foucault, por Sergio P. Rouanet e J. G. Merquior. In: ROUANET, P. S. et al. (Eds.). . **O homem e o Discurso (A Arqueologia de Michel Foucault)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 17–42.

FREITAS, A. D. A Parrésia Pedagógica de Foucault e o Êthos da Educação como Psicagogia. **Revista Brasileira de Educação**, v. 18, n. 53, p. 325–338, 2013.

FREITAS, A. S. Michel Foucault e o “cuidado de si”: a invenção de formas de vida resistentes na educação. **ETD - Educação Temática Digital**, v. 12, n. 1, p. 167–190, 18 nov. 2010.

GADELHA, S. **Biopolítica, Governamentalidade e Educação: introdução e conexões a partir de Michel Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

GALLO, S. Repensar a Educação: Foucault. **Educação & Realidade**, v. 29, n. 1, 1 jun. 2004.

GALLO, S. Foucault: (Re)pensar a Educação. In: RAGO, M.; VEIGA-NETO, A. (Eds.). . **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 253–260.

GALLO, S. Editorial: “O ‘efeito Foucault’ em Educação”. **Pro-Posições**, v. 25, n. 2, p. 15–21, ago. 2014.

GALLO, S.; VEIGA-NETO, A. Ensaio para uma Filosofia da Educação. **Revista Educação (ed. Segmento)**, n. 3, p. 16–27, 2007.

GIACOMONI, M. P.; VARGAS, A. Z. Foucault, a Arqueologia do Saber e a Formação Discursiva. **Revista Veredas. Análise do discurso**, v. 2, p. 119–129, 2010.

GOMES, G. R. R.; FILHO, R. DE O. M. CADWeb – Categorização automática de documentos digitais. **Ciência da Informação**, v. 40, n. 1, p. 68–76, 19 mar. 2012.

HOSKIN, K. Foucault a Examen: El Críptoteórico de la Educación Desenmascarado. In: BALL, S. J. (Ed.). . **Foucault y la Educación: Disciplinas y Saber**. Tradução Pablo Manzano. Madrid: Morata, 1993. p. 33–57.

ILLICH, I. **Sociedade Sem Escolas**. Tradução Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1973.

IPPOLITO, E.; MARTINI, T. **El Foucault más Íntimo, Lejos de la Gloria Académica**. Disponível em: <[http://www.clarin.com/rn/ideas/filosofia/Foucault-intimo-Daniel\\_Defert\\_0\\_1551444849.html](http://www.clarin.com/rn/ideas/filosofia/Foucault-intimo-Daniel_Defert_0_1551444849.html)>. Acesso em: 4 abr. 2016.

JUSTO, J. S. Escola no Epicentro da Crise Social. In: TAILLE, Y. DE L.; JUSTO, J. S.; PEDRO-SILVA, N. (Eds.). **Indisciplina/Disciplina: ética, moral e ação do professor**. Porto Alegre: Mediação, 2005. p. 23–54.

LEMOS, F. C. S.; CARDOSO JR., H. R.; ALVAREZ, M. C. Instituições, Confinamento e Relações de Poder: questões metodológicas no pensamento de Michel Foucault. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. SPE, p. 100–106, 2014.

LIMA, E. M. A.; PASTORE, M. D. N.; OKUMA, D. G. As Atividades no Campo da Terapia Ocupacional: mapeamento da produção científica dos terapeutas ocupacionais brasileiros de 1990 a 2008. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 22, n. 1, p. 68–75, 2011.

LIMA, E. M. F. DE A.; OKUMA, D. G.; PASTORE, M. D. N. Atividade, ação, fazer e ocupação: a discussão dos termos na Terapia Ocupacional Brasileira. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, v. 21, n. 2, p. 243–254, 2013.

LOCKMANN, K.; HENNING, P. C. A Genealogia Como Ferramenta Para Pensar os Processos de In/Exclusão na Atualidade Escolar. **Teoria e Prática da Educação**, v. 13, n. 1, p. 75–81, jan. 2010.

LOVATO, A. S. **Quando Sinto Que já Sei**. Disponível em: <<https://www.catarse.me/pt/quandosintoquejasei>>. Acesso em: 28 jun. 2016.

LUIZ, F. O Conceito de Saber na Epistemologia Política de Michel Foucault. **Revista de Iniciação Científica da FFC**, v. 10, n. 2, 10 set. 2010.

MACHADO, R. Por uma Genealogia do Poder. In: FOUCAULT, M. (Ed.). **Microfísica do Poder**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1990. p. VII–XXIII.

MACHADO, R. **Foucault, a Ciência e o Saber**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

MAIA, A. Do Biopoder à Governamentalidade: sobre a trajetória da genealogia do poder. **Currículo sem fronteiras**, v. 11, n. 1, p. 54–71, 2011.

MAIOR JÚNIOR, P. R. S.; MAIA, J. DOS S.; NASCIMENTO, R. C. G. A Vida Secreta das Palavras: Colaborações de Michel Foucault para a Historiografia. **Revista de História da Universidade Estadual de Goiás**, v. 3, n. 1, p. 56–71, jun. 2014.

MANSANO, S. R. V. Sujeito, Subjetividade e Modos de Subjetivação na Contemporaneidade. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 8, n. 2, 2010.

MARANGON, C. José Pacheco e a Escola da Ponte. **Nova Escola**, abril 2004.

MARÍN-DÍAZ, D. L.; NOGUERA-RAMÍREZ, C. E. O Efeito Educacional em Foucault. O Governo, uma Questão Pedagógica? **Pro-Posições**, v. 25, n. 2, p. 47–65, ago. 2014.

MARTINS, A. L. B. **O Governo da Conduta: o poder médico e a liberdade dos indivíduos na sociedade contemporânea**. Tese de Doutorado—Campinas: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP): Faculdade de Ciências Médicas, 2012.

MAUTNER, J. **Kaos**. São Paulo: Martins Editora, 1963.

MOTTA, M. B. DA. Cronologia. In: FOUCAULT, M. (Ed.). **Ditos & Escritos (vol. 1) - A Problematização Do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria E Psicanálise**. Tradução Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

NATALI, J. B. No Brasil, Discípulos Tristes. **Folha de São Paulo**, p. 26–27, 26 jun. 1984.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da Moral: uma polêmica**. Tradução Paulo César De Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NOGUERA-RAMÍREZ, C. E. **Foucault Professor**. Anais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd). **Anais...** In: GT 17 - FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO. Caxambu: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), 18 out. 2008 Disponível em: <<http://31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GT17-4152--Int.pdf>>. Acesso em: 9 fev. 2016

NOGUERA-RAMÍREZ, C. E. **Pedagogia e Governamentalidade: ou da modernidade como uma sociedade educativa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

NOVAES, M. H. A Psicologia e a “crise” da Educação. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 4, n. 2, p. 69–76, dez. 2000.

Ó, J. R. DO. A Governamentalidade e a História da Escola Moderna: Outras conexões investigativas. **Educação & Realidade**, v. 34, n. 2, p. 97–117., 23 jul. 2009.

OLIVEIRA, V. DE. **Mudar a escola? Quando sinto que já sei conta como éPORVIR**, 7 ago. 2014. Disponível em: <<http://porvir.org/mudar-escola-quando-sinto-ja-sei-Conta-como-e/>>. Acesso em: 28 jun. 2016

PACHECO, J. Fazer a Ponte. In: CANÁRIO, R.; MATOS, F.; TRINDADE, R. (Eds.). **Escola da Ponte: defender a escola pública**. Porto: Profedições, 2004. p. 65–84.

PACHECO, J. **Pequeno Dicionário das Utopias da Educação**. Rio de Janeiro: Wak, 2009.

PACHECO, J. **Escola da Ponte: formação e transformação da Educação**. 5ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

PACHECO, J.; PACHECO, M. DE F. **Escola da ponte**. Porto Alegre: Penso, 2004.

PACIEVITCH, T. **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/educacao/coordenacao-de-aperfeiçoamento-de-pessoal-de-nivel-superior-capes/>>. Acesso em: 29 mar. 2016.

PAGNI, P. A. Infância, Arte de Governo Pedagógica e Cuidado de Si. **Educação & Realidade**, v. 35, n. 3, p. 99–123, 24 set. 2010.

PALHARES, I. PUC Rejeita Criação da Cátedra Foucault - Educação. **Estadão**, abr. 2015.



PELBART, P. P. **Tudo o que muda com os secundaristas. OUTRAS PALAVRAS**, 13 maio 2016. Disponível em: <<http://outraspalavras.net/brasil/pelbart-tudo-o-que-muda-com-os-secundaristas/>>. Acesso em: 19 maio. 2016

PEREIRA, L. DE A. A Genealogia Foucaultiana Como Ferramenta para a Escrita da História do Presente. In: CARDOSO JR., H. R.; LEMOS, F. C. S. (Eds.). . **Foucault e Deleuze/Guattari: Corpos, Instituições e Subjetividades**. São Paulo: ANNABLUME, 2011. p. 27–40.

PORTOCARRERO, V. Instituição Escolar e Normalização em Foucault e Canguilhem. **Educação & Realidade**, v. 29, n. 1, p. 169–185, 2004.

PORTOCARRERO, V. Governo de Si, Cuidado de Si. **Currículo sem fronteiras**, v. 11, n. 1, p. 72–85, 2011.

PRATA, M. R. DOS S. Foucault e os Modos de Subjetivação. **Cadernos do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos**, v. 1, n. 1, p. 37–40, 2001.

PRATA, M. R. DOS S. A Produção da Subjetividade e as Relações de Poder na Escola: uma reflexão sobre a sociedade disciplinar na configuração social da atualidade. **Revista Brasileira de Educação**, n. 28, p. 108–116, mar. 2005.

**Projeto Âncora.** Site Institucional. Disponível em: <<http://www.projetoancora.org.br/historia.php?lang=port>>. Acesso em: 19 maio. 2016.

**Quando Sinto que Já Sei: filme mostra alternativas para a educação.** Disponível em: <<https://noticias.terra.com.br/educacao/quando-sinto-que-ja-sei-filme-mostra-alternativas-para-a-educacao,29ad2f6dd8652410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 28 jun. 2016.

**Reorganização Escolar vai Fechar 94 Escolas Estaduais. Carta Educação**, 26 out. 2015. Disponível em: <<http://www.cartaeduacao.com.br/reportagens/reorganizacao-escolar-vai-fechar-94-escolas-estaduais/>>. Acesso em: 5 abr. 2016

RESENDE, H. DE. Disciplina e Regulamentação: Entrecruzamento Entre Sistema Carcerário E Biopolítica. In: RESENDE, H. DE (Ed.). . **Michel Foucault: Transversais entre educação, filosofia e história**. Belo Horizonte: Autentica, 2011. p. 77–90.

REVEL, J. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005.

SAGRADO, A.; PEREZ, A. L. E R. **Quando Sinto que já Sei**, jul. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HX6P6P3x1Qg>>

SANTOS, M. E. B. A Escola do Futuro. In: CANÁRIO, R.; MATOS, F.; TRINDADE, R. (Eds.). . **Escola da Ponte: defender a escola pública**. Porto: Profedições, 2004. p. 19–21.

SIBILA, P. **Redes Ou Paredes - A Escola Em Tempos De Dispersão**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2012.

SÓFOCLES. **Édipo Rei**. São Paulo: L&PM, 1998.

SOUZA, R. A. DE. **O Lixo e a Conduta Humana: gestão dos insuportáveis na vida urbana**. Tese de Doutorado—Assis: Faculdade de Ciências e Letras – UNESP, 2013.

VARELA. O Estatuto do Saber Pedagógico. In: SILVA, T. T. DA (Ed.). . **O Sujeito da Educação: estudos foucaultianos**. Tradução Guacira Lopes Louro. 4ª ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 1994. p. 87–96.

VASCONCELOS, A. **Michel Foucault- Globo Ciência**, fev. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WwViBuMD5RI>>. Acesso em: 9 fev. 2016

VEIGA-NETO, A. Educação e Governamentalidade Neoliberal: novos dispositivos, novas subjetivações. In: PORTOCARRERO, V.; BRANCO, C. C. (Eds.). . **Retratos de Foucault**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2000. p. 179–217.

VEIGA-NETO, A. Coisas do Governo. In: RAGO, M.; ORLANDI, L.; VEIGA-NETO, A. (Eds.). . **Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzscheanas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 13–34.

VEIGA-NETO, A. Compreensão e Rebelia Sobre Nós Mesmos. **Michel Foucault – 80 anos**, n. 203, p. 04–08, 6 nov. 2006.

VEIGA-NETO, A. **Foucault & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.

VEIGA-NETO, A.; LOPES, M. C. Para Pensar de Outros Modos a Modernidade Pedagógica. **ETD - Educação Temática Digital**, v. 12, n. 1, p. 147–166, 1 dez. 2010.

VEIGA-NETO, A.; SARAIVA, K. Educar como Arte de Governar. **Currículo Sem Fronteiras**, v. 11, n. 1, p. 5–13, jun. 2011.

VINCI, C. F. R. G. Michel Foucault: a Genealogia, a História, a Problematização. **Prometeus Filosofia**, v. 7, n. 15, p. 103–123, 2013.

ZINET, C. **Escolas Ocupadas Mostram que Outra Educação é Possível e Necessária. Educação Integral**, 8 jun. 2016. Disponível em: <<http://educacaointegral.org.br/noticias/escolas-ocupadas-mostram-que-outra-educacao-e-possivel-e-necessaria/>>. Acesso em: 17 jun. 2016